

CONFERÊNCIA

“Inovação e Conhecimento”

Assembleia da República, 8 de Janeiro de 2019

Intervenção no painel “Potencial nacional e regional”

Frederico Gama Carvalho

OTC-Organização dos Trabalhadores Científicos

Há sérias razões para crer que a próxima década será uma década crucial para o futuro das gerações vindouras. Gerações que virão a habitar o mundo em rápida transformação que lhes deixarmos. Portugal é parte desse mundo em que cada parte se acha cada vez mais dependente da boa ou má fortuna de todas as outras partes. É assim com respeito aos fenómenos a que se usa chamar “alterações climáticas”; é assim no que toca a tensões sociais e instabilidades políticas que podem abrir a porta a fenómenos extremos de violência e mesmo, no caso de um conflito militar alargado com recurso à arma nuclear, ameaçar a continuidade da vida sobre a Terra,

Nada disto nos deve impedir de olhar o futuro com esperança e de porfiar nos caminhos que os inelutáveis avanços do conhecimento da natureza — da Ciência à Tecnologia — nos abrem, para vencer os desafios do presente e do futuro. Sem esquecer, naturalmente, as Ciências Sociais e Humanas.

A inovação pode alterar e modelar a natureza e a dimensão dos impactes da actividade humana sobre a sociedade e sobre o mundo natural, e é hoje, por isso mesmo, chamada a desempenhar um papel de extraordinária importância.

A inovação é sempre fruto do conhecimento, seja ele científico ou empírico. Entretanto, é certo afirmar que a resposta aos desafios que hoje estão colocados depende da capacidade que tivermos de, com particular acuidade, organizar e gerir, e investir no universo das actividades de I&DE. O principal esforço deve caber aos países que nesse campo estão já na linha da frente mas o sucesso de uma tal empreitada depende da participação de todos e deverá a todos beneficiar. Portugal não está nem deve ficar de fora desse esforço. A principal riqueza nacional é o potencial humano de que o país dispõe. Importa qualificá-lo a todos os níveis; combater a iliteracia científica onde ela se manifeste, na população em geral mas igualmente nas elites onde as suas consequências são mais sérias. Contribuir para elevar, nos cidadãos em geral, o grau de consciência da importância dos avanços do conhecimento científico na viabilização de um futuro sustentável. Contrariar a deturpação de factos científicos e os ataques à ciência, de que a negação das alterações climáticas é um exemplo actual, deve ser responsabilidade social permanente do trabalhador científico de qualquer especialidade. Dispomos em Portugal de um importante acervo de recursos humanos qualificados — investigadores e técnicos — cuja contribuição para o país está muito aquém do que seria possível e desejável. Assim é, não por responsabilidade dos próprios mas por circunstâncias que não controlam em que se destaca a natureza e estrutura do tecido produtivo existente. Nos vários sectores da economia, sobretudo primário e secundário, a criação de riqueza assenta em actividades pouco intensivas em conhecimento e inovação o que não só desincentiva o emprego de recursos

humanos de qualificação superior como as decisões de investimento exigidas por uma maior incorporação tecnológica no produto.

A universidade e o ensino superior em geral não estão à altura da sua missão de formar novos quadros e criar conhecimento novo.

Em uma década a situação pode ser alterada significativamente. Para que tal seja possível, será necessário o substancial aumento do financiamento público; o reforço da autonomia e a democratização da gestão das instituições; o fim da precariedade laboral como sistema de prestação de trabalho. O peso dos fundos europeus no financiamento das actividades de Ciência e Tecnologia deve ser substancialmente reduzido para que a respectiva programação possa ter na devida conta, e em primeira linha, as necessidades de desenvolvimento do país.

Frederico Gama Carvalho

8 de Janeiro de 2019